

O Menino-Rei e o Rei- Menino

(Romance em XXI caps; registrado em 2003)

Márcio Amaral

PRÓLOGO

“...no sertão atribuíam valor aos nomes, o nome se repassava do espírito e do destino da pessoa; por meio dos nomes se produziam sortilégios.”

Noites do Sertão, Guimarães Rosa

Um nome...Uma seqüência de sons articulados ou de algumas representações gráficas, mas quanta significação em cada um deles! O nosso nome e o desafio de amá-lo seja ele qual for! Quase como um filho! Mas um “filho” que, a um só tempo, somos nós mesmos---ou a nossa própria representação social indissociável---e nos foi imposto.

O quanto de destino pode haver naqueles sons articulados! E como é difícil desse destino se libertar, especialmente quando cometem a maldade de dar a alguém o nome de um parente a quem se quer homenagear! O que dizer da “homenagem” a duas outras pessoas em um só nome!? E quando, então, alguém engendra a aberração de criar um nome com a inversão do sentido das letras de um nome qualquer! Meu Deus! Essas talvez sejam as primeiras violências que se podem cometer contra um ser humano, por vezes até mesmo antes do seu nascimento.

Que os mortos descansem em paz e que cada um de nós seja sempre o primeiro! Que o sonho tolo de formar dinastias se restrinja aos membros das “famílias reais”, rogando que o culto à formalidade e aos protocolos não os transforme em “bonecos de engonço”! Que todos os recém-chegados sejam uma espécie de Messias e que a imagem do menino na manjedoura iluminada---subitamente transformada no centro do universo---valha para cada nova criatura dada à luz, ainda que por um instante fugaz!

I

Todo menino é um rei

Eu também já fui rei

(Nelson Rufino e Zé Luiz)

Nosso pequeno herói se chamava Pedro e estava retornando às aulas naquele início de março de 1964 com a mesma animação de sempre. Nunca as férias tinham lhe parecido tão longas! Confessar esse sentimento? Nem pensar, tal era a “obrigação” quase sacramentada entre seus conhecidos de reclamar da escola! A vontade de rever os colegas, e até alguns professores, sobrepujava em muito a apreensão com os problemas mais propriamente escolares.

O curso entrava na sua segunda semana e ele não sabia se um velho professor, com quem aprendera a gostar de geografia, continuaria dando aulas para sua turma. Até o conhecer, Pedro costumava diminuir o valor da geografia em relação ao da tão apreciada História. Segundo seu julgamento muito temerário, e bastante pretensioso, a geografia era mera “decoreba” de rios e montanhas. Monteiro Lobato tinha alguma participação involuntária nesses julgamentos. Que decepção tivera Pedro com a “Geografia de Dona Benta”, depois de se deliciar com a “História do Mundo para Crianças” e as inúmeras batalhas ali descritas! “A geografia é chata porque tudo fica sempre no mesmo lugar e nada acontece com ela de mais emocionante”. Parecia-lhe mais fácil culpar a própria geografia do que pensar nas possíveis limitações do escritor que lhe tinha aberto um “novo mundo”. Mas com que prazer descobriu, com o novo professor, o quanto a vida de um povo era influenciada pelo local onde se formara ou fixara e também que, a rigor, nada fica no mesmo lugar!

Ninguém sabia a idade do velho mestre e dizia-se mesmo que ele estava em vias de se aposentar. Alguns até já debochavam, às escondidas, de algumas das suas “esquisitices”, mas Pedro por ele aguardava ansiosamente.

Ao final da segunda semana de aula, anunciou-se, finalmente, que ele voltaria na semana seguinte e foi com algum pesar que o rapaz reparou, quando da sua chegada, na curvatura mais acentuada de seu dorso e no quanto arrastava pesadamente os pés ao caminhar. Seu olhar, entretanto, parecia mais vivo do que nunca.

Contrariando seus hábitos, nem bem permitiu que os alunos acabassem de se levantar à sua entrada, sinalizando impacientemente com as mãos para que se

sentassem. Depois de colocar algumas coisas sobre a mesa, o professor, sem levantar muito a cabeça, correu os olhos lentamente por todos os rostos enquanto virava o corpo em todas as direções, pois, ao que tudo indicava, perdera boa parte dos movimentos do pescoço. Isso provocou um efeito enorme sobre as crianças que ficaram mais atentas do que habitualmente. Havia alguma maldade naquele olhar; qualquer coisa de um desafio dirigido a uma estranha platéia que talvez nem estivesse ali. O que ninguém sabia era que ele preparara uma espécie de “ato final” para uma vida obscura. Toda a turma percebeu, intuitivamente, e de imediato, que algo de muito especial estava por acontecer.

--- Vocês que estudam no Imperial Colégio de Pedro II devem disso se orgulhar! – disse ele com uma voz na qual os alunos perceberam uma sonoridade diferente. A suspensão da frase, o silêncio que se seguiu e o passeio do olhar do mestre por sobre rostos surpresos reforçaram a expectativa em relação a algo completamente inusitado que se anunciava.

---Depois os republicanos passaram a chamá-lo Ginásio Nacional. É, mas eles tinham essa mania de chamar tudo de “Nacional”, disse, enquanto agitava as mãos agressivamente, como se espantasse uma mosca.

As crianças entreolharam-se com expressão de dúvida e estranheza. O que dizer ainda daquela sintaxe totalmente estranha aos seus ouvidos. Na primeira frase havia pompa, na segunda, algum deboche, especialmente na pronúncia da última palavra.

- É claro que vocês não sabem nada disso, mas deviam saber! Quando D. Pedro II fundou este Colégio... Não aqui, mas lá no Centro – e ele apontou com o dedo para um ponto que ninguém sabia se correspondia à direção do centro da cidade – sua corte o denominou: “Imperial Colégio de Pedro II!” -- valendo-se de mais pompa ainda – E quantos sonhos ele tinha de que daquele Colégio a cultura haveria de se irradiar por todo esse enorme país!!! – o velho professor fez um gesto largo com um dos braços, como se abarcasse todo o mundo---Depois veio a República e os militares, tentando apagar tudo que tinha o nome do antigo Imperador, mudaram o nome para “Ginásio Nacional”. Mas não adiantou nada, o nome não “pegou” e o povo continuou a chamar esse colégio de Pedro II.

Uma enorme e estranha pausa gerou inquietação e uma expectativa que talvez ninguém ali já tivesse experimentado.

- Hoje é o meu último dia de aula nesta escola..... Estou me aposentando – houve um pequeno burburinho e as expressões dos alunos eram as mais variadas, desde

o espanto e a tristeza, até a malícia e o riso cínico, passando pela indiferença de alguns – *mas há algumas coisas que eu tenho que dizer...* – depois de uma grande pausa – ... *os tempos não são bons, meus filhos...* – disse ele enquanto abanava a cabeça negativamente – ... *Eles voltaram e estão aí de novo. A Hidra de infinitas cabeças está aí de novo com suas fardas e capacetes* – os alunos não entendiam quase nada daquele destampatório, mas alguma coisa lhes prendia a atenção. Pedro, porém, de imediato associou aquelas estranhas palavras ao que vinha ouvindo nos últimos anos em sua própria casa. Mais do que isso, elas lhe fizeram lembrar os dezessete dias que passara trabalhando, durante as férias, em um jornal semi-clandestino, de cujo abalo moral ainda estava se recuperando. O tanto de profecia e mistério que as frases do professor continham, porém, provocou nele aquilo que os antigos chamavam de magnetização. Havia ali uma estranha mistura de, a um só tempo, lucidez e obscuridade...Se é que isso é possível!

- Não se enganem meus filhos! Com essa confusão toda que está acontecendo por aí, eles vão tomar de novo o poder e depois que isso começa, vai até o fim! Não se iludam... Muita coisa ruim está vindo por aí!!! Bem...Eu estava falando de Pedro II e depois vocês vão entender por que eu falei nisso. Vamos em frente! Vocês precisam saber um pouco da história desse colégio que foi tão importante para o nosso Imperador e eu vou aproveitar essa oportunidade, já que estou indo embora.

Vocês sabem quem foi Pedro II? – Várias cabecinhas se moveram para frente e para trás – *Não... vocês não sabem quem foi D. Pedro II. Eu mesmo, às vezes acho que não sei quem ele foi. Vocês certamente acham que foi um velho de barba branca que parecia mais velho do que o próprio pai, Pedro I...sempre mostrado como um jovem de suíças e bigodes pretos, não é mesmo?* – aqui ele fez uns gestos inusitados, para representar suíças e bigodes que provocaram risos diversos. Quanto humor podia haver naquele velho! E talvez ninguém, até aquele dia, houvesse disso suspeitado! Ele em nada mais se parecia com o velho que, minutos atrás, entrara na sala arrastando os pés. Os alunos estavam encantados.

- Pois bem! Talvez não seja à toa que todo mundo tem essa imagem dele, pois se ele teve que ser, desde criancinha, um pequeno adulto...!! Vocês sabem o que é isso? Não, não sabem. Por exemplo... se você – apontando de forma brusca e quase agressiva para um pobre aluno um pouco gordo que, certa vez, fora à escola com a camisa do Vasco debaixo do uniforme, passando a ser chamado, desde então, de “Bolão do

Vasco”, apelido do qual não mais se libertou. O garoto encolheu-se todo de maneira reflexa e fez uma expressão de susto e medo.

- *Se hoje você fosse declarado adulto e rei do seu país, o que você ia sentir?* – O garoto fez uma expressão de perplexidade e o professor generalizou a pergunta.

- *Você, você, você, ... qualquer um de vocês!! O que sentiriam se tivessem que ser, a partir de hoje, adultos e reis do seu país? Ah! Mas isso é muito pouco... E se você tivesse perdido a sua mãe com três anos de idade e se seu pai, o Pedro I, tivesse abandonado o trono, ido embora para Portugal e deixado você aqui com cinco anos, para um dia ser um rei de verdade?* – sua voz voltou a ter o acento dramático de antes e ele fez uma enorme pausa que deixou todos em suspenso, pausa essa que foi cortada por um soluço vindo das primeiras filas. Há mesmo pessoas que não suportam bem qualquer tipo de suspense. Quem pode saber, ainda, quantos ali haviam perdido a mãe e/ou sido abandonados pelo pai?!

- *Pois bem, meus filhos... Tudo isso aconteceu com aquele rei que vocês hoje acham que foi sempre um velho e que já nasceu barbudo* – os olhos do próprio professor ficaram um pouco marejados. Sua fala que, até então, fluía em um “quase presto”, de repente, tornou-se lenta, em um *quasi adagio*, algo como um *larghetto*. Também os acentos ásperos desapareceram e sua voz como que se “aveludou”. Pedro nunca se sentira antes tão arrebatado e como que “acolhido” por uma voz. Se os braços podem abraçar um corpo, uma voz pode envolver a alma.

- *Pois bem, meus filhos... esse menino foi um rei... um rei como poucos existiram no mundo. Ele estudou muito, aprendeu latim, francês, inglês, alemão e até um pouco de grego. Leu os grandes livros e interessou-se, desde muito pequeno, especialmente por aqueles livros que mostravam as tramas palacianas... Aqueles que mostravam como os reis eram enganados, manipulados ... e também como eles terminavam por ser escravos das intrigas. E quando ele lia, certamente dizia prá si mesmo: ‘mas comigo não vai ser assim’... E não foi mesmo... Sabem o que ele mais fazia? Lia os jornais dos adversários, daqueles que atacavam o governo, para ter argumentos para sabatinar os seus próprios ministros. Eles deviam ficar loucos de raiva com isso... Ah! Como deviam ficar loucos!!*

Vejam que coisa engenhosa ele fazia... quem freqüentava a sua Quinta...--- esta mesma que fica perto daqui e que talvez muitos de vocês nem conheçam...--- não participava do governo e quem participava do governo não freqüentava a sua Quinta.

Os intrigantes deviam ficar roxos de raiva... –tudo isso com uma seqüência de gestos que terminou com um curioso apertar de mãos junto ao próprio rosto.

- Uma vez, e ouçam isso porque eu não conheço manifestação de maior grandeza,... ele vinha lendo vários artigos em um jornal dos seus inimigos e estava gostando muito deles. Eles não vinham assinados. Só tinham um pseudônimo... Vocês sabem o que é isso? É um nome de mentirinha. Pois bem! Ele mandou investigar para saber quem os vinha escrevendo e ficou surpreso ao saber que era um certo Torres Homem... aquele mesmo que deu o nome a uma rua que, se não me engano fica em Vila Isabel. Pois bem! Era o mesmo Torres Homem que o tinha atacado usando palavras terríveis em artigos anteriores. Até a Imperatriz ele não poupou, duvidando da sua linhagem nobre. Sabem o que Pedro II fez? Depois de alguns dias nos quais ficou muito pensativo, chamou o homem ao palácio, elogiou os seus artigos, fez algumas perguntas para ele e, tendo gostado das respostas, ofereceu-lhe um ministério. Torres Homem caiu aos seus pés e lhe foi fiel até a morte. Um dia, aquele mesmo homem disse ao rei que queria se desculpar também com a rainha, mas Pedro II respondeu: “Não recomendo! Os italianos não sabem perdoar como nós brasileiros!”. Vocês sabiam que a rainha era italiana? Agora me digam: tem alguma coisa mais bonita do que isso?...

Ah!... Mas ele também tinha lá os seus caprichos... Quem já viu um rei sem caprichos? Mas,... que caprichos!!! Um dia ele entrou em uma escola do interior, pois gostava de visitar as escolas pelo Brasil afora... e viu uma gaiola com um passarinho. Pois bem...pediu uma escada, subiu e simplesmente abriu a gaiola soltando o passarinho, sem sequer perguntar de quem ele era... E os passarinhos lá pertencessem a alguém!? Que besteira é essa de alguém querer ser dono da natureza, não é mesmo?! – Alguns meninos certamente se identificaram totalmente com o rei e com o passarinho, mas outros---e entre os meninos havia alguns que adoravam caçar e aprisionar passarinhos--- estranharam muito aquela atitude do rei.

E foi um desfile de situações que o professor fez, nas quais a imagem de Pedro II aparecia sempre engrandecida! Ele falava agora quase como quem tivesse testemunhado o que relatava. Tanto lera e imaginara aquelas situações que elas se haviam como que entranhado. As personagens, por ele mesmo criadas, reviviam em toda a sua plenitude naquela dramatização involuntária e improvisada. Era isso o que provocava e fazia manter nas crianças uma atenção extrema e inédita para alguns deles. Dramatizava com gestos, mímicas e movimentos dos braços os relatos da Guerra do Paraguai e aí os meninos vibravam com a bravura imaginada.

As meninas, porém, gostaram especialmente da pequena história da procura que a Marquesa de Santos fez do Imperador, quando ele tinha dezoito anos, para ajudar o seu marido---encarcerado por ter participado da Revolta Farroupilha. Todos sabiam que a Marquesa fora amante do pai do Imperador e uma espécie de pivô de muitas das desgraças da vida de sua mãe. O jovem Imperador pensou que ela pediria anistia para o marido encarcerado, pois o prisioneiro estava muito doente. Seu pedido, porém, foi bem diferente: queria ficar presa junto com o marido para poder tratá-lo. Isso comoveu profundamente o único homem que tinha o poder de tomar a decisão. Já acostumado a identificar atos elevados, Pedro II enviou à Marquesa uma carta onde dizia que, cada vez mais, descobria a grandeza de seu próprio pai. Não havia sido por acaso que ela, a Marquesa, fora a única mulher a quem ele realmente dera o seu coração.

Por fim, as crianças começaram a dar sinal de inquietação e cansaço, não por desgostar do que ouviam, mas porque a capacidade de suportar emoções, associadas a experiências intelectuais, estava se esgotando. O professor dava também sinais de cansaço, mas seus olhos tinham agora um estranho brilho que Pedro nunca havia visto em ninguém. Veio um epílogo. A “cobra mordeu o próprio rabo”, numa demonstração, pelo velho professor, de uma tendência natural ao bom estilo:

- E quanta ironia, meus filhos! Nosso colégio tinha que ficar bem em frente ao Colégio Militar! E vocês tinham que ficar brigando com os filhos dos militares! Chega a ser engraçado!!! Num dia desses, eu me dei conta disso. Os “filhos” de Pedro II – e ele abarcou o espaço à sua frente com a mão direita como se roçasse cada uma das cabeças voltadas para ele – enfrentando os filhos dos militares!¹ Não sei se isso é ironia ou é o Destino! – e seu olhar fuzilava mais do que nunca, deixando perceber que as fagulhas de ódio estavam se organizando e passando a predominar no coração daquele velho. Suas emoções alcançavam um perigoso paroxismo que mais se parecia com o último e extremo brilho dos filamentos de uma lâmpada prestes a queimar.

- Veio a República, meus filhos, e o sangue... a violência... e, principalmente, o mau gosto. Esta nossa terra é muito engraçada! Tínhamos uma monarquia democrática e veio uma república totalmente intolerante. Hoje eles estão aí de novo...E nós, sempre reféns da farda!!! – Sua voz alterou-se um pouco e seus olhos lembravam aqueles das

¹ Era muito freqüente, àquela época, o enfrentamento físico entre grupos de estudantes dos dois colégios, em verdade três, uma vez que os alunos de um outro colégio público da região também se envolviam . Isso culminou na morte de um aluno do colégio militar que teria sido atingido pela ponta de um compasso. Uma das pequenas maldades perpetradas pelo regime militar (que logo se instalaria) contra o Colégio Pedro II, , seria a nomeação progressiva de oficiais de alta patente para a direção de suas unidades..

peessoas mentalmente perturbadas – *Está tudo se preparando de novo, meus filhos. É sempre a mesma coisa...Primeiro vem o Deodoro, depois o Floriano...Primeiro vem aquele general sem pescoço e com cara de bonzinho, mas depois, ele mesmo vai ser engolido por uma máquina sem rosto e sem nome...! E então, há de vir o mesmo Floriano... aquele eterno Floriano, meu Deus! Sem expressão, sem perfil... sem emoção... E a crueldade... A eterna crueldade...Não se enganem, meus filhos, quando vocês virem um rosto sem expressão, essa é a expressão da crueldade.... Mas do que é que eu estou falando?*

E caiu sentado em sua cadeira pondo as mãos abertas sobre as têmporas e os cotovelos sobre a mesa. Permaneceu imóvel por alguns instantes e olhando fixamente para baixo. Uma menina da primeira fila levantou-se apressadamente e saiu da sala sem que o professor reparasse. Os outros alunos começaram a se levantar, sem saber o que fazer. Logo depois, aquela mesma aluna entrou com uma coordenadora da escola que se dirigiu respeitosamente ao professor ajudando-o a se levantar. Ela também não sabia o que havia se passado, mas, apesar disso, parecia saber bem o que devia fazer naquele instante. A própria cena que encontrou parecia ter-lhe imposto a conduta. O professor não ofereceu nenhuma resistência, levantou-se, deu um sorriso de beatitude para os alunos, fez um gesto sutil de despedida e deixou-se levar para fora da sala. Havia uma tristeza pungente em seu olhar e ele parecia um pouco envergonhado.

Seu corpo se esvaziara como um saco despejado. O que restava mais se parecia com uma carcaça. Quem poderia acreditar que, havia pouco, abrigara uma alma plena de energia e disposição para a luta?!

E foi com um aperto no peito que Pedro observou o velho sendo arrastado carinhosamente para fora da sala. O brilho súbito daquele “sol crepuscular”, entretanto, ofuscava agora todas as experiências intelectuais e morais do ainda quase menino tão necessitado de uma identificação mais profunda. Afinal, se, da parte dos seus colegas de escola, ainda conseguia perceber atitudes de respeito para com ele mesmo, de seus antigos amigos da rua tudo o que vinha recebendo nos últimos anos era uma progressiva desconsideração.

II

Apesar de seus 14 anos, nosso pequeno herói continuava com seu corpo de menino. Pedro---em cujo nome havia também a sua cota de destino---era extremamente magro e irrequieto. Seus membros eram muito longos e sua cabeça---na qual se podiam ver cabelos alourados e revoltos---era muito grande, o que lhe valera alguns apelidos. Sua puberdade ainda não se fizera anunciar, e como isso o fazia sofrer! Seus colegas, sobre quem, em tempos melhores, havia exercido uma considerável liderança por jogar bem o futebol e outros esportes---mas também, e principalmente, por se envolver sempre nas situações mais perigosas e arriscadas que costumam acontecer na vida de meninos que participam de turmas de rua — estavam hoje muito maiores e encorpados do que ele.

Por aquela época, os meninos não eram ainda tão prisioneiros dos condomínios e nem havia, entre a classe média, um preconceito tão grande contra as ruas em geral. A mãe do menino Pedro, aliás, costumava dizer que a primeira palavra por ele aprendida fora exatamente a muito curta e sonora **rua**, associada que foi à liberdade e às conquistas em geral.

De onde, de que estado de espírito, terão se originado tantas expressões pejorativas associadas à **rua** em nossa língua: “no olho da rua”, “na rua da amargura”, “menino de rua”, “na sarjeta” e uma outra, de origem mais recente, criada pelos nossos irmãos portugueses e referente ao jogador de futebol que foi expulso de campo: “mandado à rua” (sem esquecer que o grito “Rua!”, para alguém que se quer fora do raio de visão é uma das mais agressivas expressões verbais em nossa língua)!

As meninas mais novas, das quais Pedro sempre recebera olhares de admiração, de repente, assim ele o achava, haviam se tornado pequenas mulheres, dotadas, como que da noite para o dia, de umas certas protuberâncias que lhe causavam uma estranha perturbação. O mais estranho era a espécie de impedimento que sentia de olhar, naquelas ex-meninas, os mesmos bustos que tanto apreciava nas mulheres adultas. Era-lhe impossível não só olhar, mas também imaginar para além de suas blusas ou vestidos.

Que milagre era aquele que fazia com que, quase subitamente, seus amigos aparecessem com pelos pretos nas pernas; com uma barba incipiente, enquanto, nele mesmo, só podia perceber uns pelinhos alourados, finos e pequenos? Certa vez, o menino ouviu alguém dizer que quando se raspava um pelo qualquer, ele tendia a

crescer muito mais grosso e escuro. Reproduzia-se ali a velha inversão de causa e efeito que os pobres seres dotados de razão estão sempre fazendo. O período da vida no qual os pelos começam a, muito naturalmente, engrossar e escurecer, é o mesmo do início da sua raspagem. Quanto mais eles tendem a engrossar e escurecer, mais freqüentemente as mulheres os raspam. Daí à conclusão de que a raspagem é a “causa” das mudanças ocorridas, a distância é mínima. O que dizer ainda da masturbação ser a “causa” de um certo “empedramento” da glândula mamária dos adolescentes, quando os dois têm apenas uma origem comum? Nada mais do que o velho sonho de controle e influência sobre a natureza, tão mais necessário naquele período da vida no qual a natureza mais atropela a todos!

Pedro, então, lançou mão de um aparelho que sua mãe e suas irmãs usavam e raspou uma das faces da perna, mas, além de não obter o efeito desejado, padeceu de uma vergonha e medo enormes de que alguém reparasse no que fizera.

Dois de seus amigos, que também exerciam liderança sobre os demais, só que por serem mais agressivos e fortes---que sempre se aliavam quando sentiam alguma ameaça ao seu poder---estavam também bastante crescidos e já desfilavam pelas ruas da vizinhança acompanhados de moças bonitas para as quais Pedro olhava como quem olha para divindades distantes e inalcançáveis. Ele não conseguia entender o que levava aqueles mesmos rapazes a falar de forma tão depreciativa em relação às moças que tinham conquistado, e logo após a conquista. Como não podiam reparar que, com isso, estavam depreciando a eles mesmos? E quando falavam mal das mulheres em geral! Como era possível que não se dessem conta de que, com isso, falavam mal das próprias mães e irmãs? Curiosamente, ninguém parecia disso se aperceber. Bastava uma pontinha de uma lógica rasteira para concluir que quando alguém fala mal das mulheres em geral (“as cachorras”, como por agora alguns usam) não de incluir entre elas a mãe e as irmãs. Afinal, quem poderia se livrar, nessa situação, do velho silogismo aristotélico: (se) todas as mulheres são cachorras, como minha mãe e minhas irmãs são mulheres, logo.....

A explicação para esse fenômeno talvez fosse até mais simples do que poderia parecer. Na mente de quase todos, e nosso herói não escapava desse julgamento, mães e esposas precisavam deixar de ser mulheres propriamente ditas, ou seja, tinham que perder a sensualidade que, de alguma forma, é a expressão da nossa origem animal. A sensualidade seria aquilo que nos transformaria a todos em “cachorros”. Essa não deixa de ser mais uma forma de expressão do efeito que as religiões como que “pregaram” na

cabeça dos povos. O alcance da idéia do “pecado original” só é plenamente compreendido quando a formulamos assim: o pecado da origem; o momento em que não mais podemos negar nossa origem animal; aquilo que nos impede de ser apenas “espírito etéreo”; aquilo a que temos que ceder, sob pena da desapareição da espécie.

E foi com uma dor enorme que Pedro observou o desprezo crescente com que aqueles rapazes, agora muito poderosos, passaram a também olhar para ele. Naturalmente, e certamente por uma muito saudável identificação, começou a se aproximar de alguns rapazes que antes eram os párias do grupo. Com isso, percebeu que, mesmo tendo ele participado de algumas das humilhações que os mais fortes costumam provocar nos mais fracos, aqueles garotos o admiravam e até ficaram orgulhosos com a sua aproximação. O que mais lhe impressionou foi a atitude do filho de um policial muito soturno e reservado que costumava aterrorizar a família com suas exigências de bom comportamento. O rapaz estava agora muito mais forte e encorpado do que Pedro, mas continuava a manter uma atitude de reverência e respeito em relação ao amigo recém conquistado. E que efeito benéfico teve aquele reconhecimento tão inesperado por parte de um rapaz agora fisicamente bem mais alto e forte! Nunca mais Pedro voltaria a exercer qualquer liderança, em sua vida futura, através do medo ou do terror. Não mais imitaria certos comportamentos que via à sua volta. Uma nova forma de amizade ali se iniciava e quanto prazer ela podia despertar! No medo que aquele rapaz um dia sentira das ameaças de Pedro, talvez houvesse também uma grande dose de admiração, uma admiração muito para além da força física.

Se o atraso no seu desenvolvimento estava fazendo com que o menino Pedro muito sofresse, também o estava aproximando de um certo tipo de pessoa do qual não mais se afastaria por toda a sua vida. Nunca mais ele se aproximaria das lideranças espalhafatosas, daquelas que se mantêm apenas pelo medo que provocam nas pessoas mais simples e humildes: célula das arbitrariedades que ocorrem nos diversos grupamentos sociais, desde as pequenas rodas da política até as empresariais ou, ainda, aos grupos de mafiosos ou de seus candidatos.

Ao contrário do que costuma acontecer na quase totalidade dos casos semelhantes, ninguém o havia chamado até então, na família ou na rua, de “Pedrinho” e, desde a mais tenra infância, ele carregava aquele “Pedro” que as mães só utilizam, a exemplo do que acontece com outros nomes, quando ralham com os filhos, situação em que tendem a abandonar os diminutivos carinhosos. Aquela forma pouco comum de chamar uma criança que tinha um nome que quase obrigava ao diminutivo se devia,

muito provavelmente, ao fato de seu pai e seu avô---este falecido recentemente--- também se chamarem Pedro. Para complicar as coisas, seu próprio pai era tratado por “Pedrinho” e dois “pedrinhos” não caberiam na mesma família.

“Seu Pedrinho”, como o pai do menino era tratado pelos empregados (e como passaremos a chamá-lo aqui), tinha problemas com a bebida desde a juventude, mas, havia já alguns anos, entrara em franca decadência depois de ser afastado de seu emprego no Banco do Brasil. Sua ex-família vivia agora de uma pequena parte dos parcos rendimentos que ele recebia depois de ser afastado do emprego por licença médica.

A mãe de Pedro, que nunca conseguira haver-se muito bem com as obrigações de dona de casa, estava agora completamente absorvida por suas próprias atividades e não vinha acompanhando nada do que se passava com os seus quatro filhos. Depois de passar alguns meses em estado de prostração e tristeza profundas---em seguida à expulsão do marido de casa---subitamente voltara a estudar. Agora cursava Direito à noite e trabalhava durante o dia como estagiária de um escritório de advocacia. A mãe urso-parda, depois de cuidar de sua cria por muito tempo, arriscando até mesmo sua própria vida, um dia simplesmente começa a correr deixando para trás seus dois ou três filhotes.

Pedro, que sempre fora um bom aluno, apesar da impaciência que tinha para ficar parado e resistir aos apelos da rua, estava agora amargando uma sensação terrível de estar em dívida que não o abandonava nunca. Sofrera uma queda importante no seu rendimento escolar no último ano. Ele sabia, embora isso não lhe tivesse sido dito, que sua aprovação no ano anterior se dera por conta de alguma ajuda de professores mais condescendentes e isso aumentava sua apreensão em relação ao ano letivo que se iniciava. Não havia ninguém a quem pudesse recorrer em busca de ajuda e a mentalidade vigente na época tendia a desobrigar as escolas em relação aos dramas particulares dos alunos, que estavam quase sempre a se torturar mentalmente para cumprir obrigações por vezes impostas com prazos rígidos, semelhantes ao de uma máquina desumana.

III

Nos dias seguintes à última aula do velho professor, correu um enorme burburinho em toda a escola e até mesmo entre os pais dos alunos. Ninguém conseguia entender bem o que se passara e, como é comum nesses casos, surgiram inúmeras versões desencontradas para explicar o que teria acontecido na sala de aula que fora palco da última aula formal do professor que ensinara a diversas gerações. Um dos estudantes, cujo tio era um oficial do exército, contou em casa e com animação, o que ouvira da boca de um professor em vias de se aposentar. Seu pai, imbuído do patriotismo de bandeiras e brasões disse logo:

- Deve ser um desses comunistas! Eles estão infiltrados em todo canto. É assim... Eles querem desviar as crianças desde pequeninhos... Seu tio precisa saber disso!

Quando, alguns dias depois, um homem fardado praticamente invadiu a sala da diretora da escola, houve um tremendo mal-estar entre todos que por ali estavam.

--- Eu entendo a sua preocupação... O senhor é pai!

---Sou pai, sim, mas oé meu sobrinho.

---...Mas... ele não é comunista coisa nenhuma! É um velho que está se aposentando e a gente até acha que ele está meio esclerosado – disse a experiente diretora, sem ter muita idéia de que, poucos dias depois, a situação do país se modificaria radicalmente. Seu tom natural de desprezo pelas suspeitas do militar e, ainda, a naturalidade com que as descartou, desconcertaram-no completamente. Toda a ênfase artificial que trouxera de casa se esvaziara de imediato. Há, efetivamente, pessoas que conseguem, com algumas poucas frases e gestos, desarmar os ódios vazios, daqueles que precisam aumentar os perigos de algum inimigo em potencial, de maneira a justificar a própria violência. Ele insistiu ainda um pouco, embora sem tanta convicção.

- Mas meu sobrinho me disse que ele falou muito mal de nó... que mandou todo mundo tomar cuidado com os militares...Isso é ilegal! Ele não pode fazer isso-- ainda se preocupavam muito com a legalidade---Meu sobrinho disse também que ele falou que nós somos um perigo... A senhora já viu uma coisa dessas?

- Olha Senhor ... (e ela nomeou erradamente a sua patente, elevando-a, o que o levou a corrigi-la). Desculpe!! Ele não tem nada de comunista. É até muito tradicionalista. Só prá o senhor ter uma idéia, ele vive defendendo o ensino obrigatório

do Latim, e quase todo mundo quer acabar com o latim aqui na escola. O senhor acredita que tem gente aqui que jura que ele é, na verdade, um monarquista? Onde é que já se viu? Um monarquista a essa altura da vida!

Aquilo pareceu desconcertar ainda mais o incômodo visitante que não soube mais sequer o que pensar a respeito do tal professor: afinal, todos precisamos criar personagens mais ou menos coerentes em nossa mente! Quem haveria de ser aquele estranho velho?

---E brigar...Ele não vivia brigando com todo mundo aqui, com a direção...?

---Não.....Vivia resmungando, mas brigar mesmo.....só uma vez em que se revoltou com alguns colegas que cismavam de querer criar turmas separando as meninas dos meninos. Ah!!! E como ele gritou que tinha que acabar com aquela palhaçada! O engraçado era que não dizia mais nada a respeito, apenas repetia sem parar que tinham que “acabar com aquela palhaçada”. A verdade é que a palhaçada acabou mesmo.

Percebendo o efeito causado pelas suas últimas palavras e também pelo humor que estava conseguindo imprimir em fatos aparentemente tão inofensivos e singelos, continuou.

- Imagine o senhor que ele sempre fazia questão de que os alunos se levantassem quando ele entrava na sala e que só se sentassem depois da sua autorização!? Mas veja bem o senhor...isso eu tenho que dizer... Eu fui aluna dele e até hoje me emociono quando me lembro de como ele era justo com os alunos...

- Mas... e de política?... Ele não falava de política? – insistiu o homem já sem saber o que perguntar.

- Olha – respondeu a professora e aqui, como já estivesse completamente senhora da situação, resolveu se alongar – eu me lembro de duas vezes em que ele entrou pela escola falando de política. Da primeira, foi quando o Jânio ganhou a eleição. No dia seguinte, eu me lembro bem, ele disse bem alto: ‘Era melhor que viesse o Lott logo, porque assim os militares vinham pro poder de uma vez pelas urnas e se acquietavam. Eles sabem lidar uns com os outros. Agora, com esse palhaço... eles vão vir de qualquer maneira, por bem ou por mal... vocês vão ver..!’. Foram essas as palavras que eu ouvi. Eu, que não me interessava muito por política, fiquei muito impressionada.

Da segunda vez, foi quando o Jânio renunciou e aí eu ouvi, pela primeira vez, ele com um ar de triunfo, numa exaltação tremenda dizer: “Eu não disse?! Esse

palhaço desmoralizou a política e o poder civil. Ele foi o Cavalo de Tróia da democracia!”. Dessa vez eu posso dizer que foi assim mesmo que ele falou, porque daquelas palavras que ouvi eu não me esqueci nunca mais. Alguns acharam aquela atitude tão diferente do seu habitual que pensaram que ele não estava muito bem da cabeça. O mais estranho era que ele parecia ter gostado que tudo aquilo acontecesse só para mostrar que estava certo. Sabe...Eu confesso que fiquei muito curiosa em saber o que ele verdadeiramente disse em sala de aula para o seu sobrinho e para os colegas dele. Mas isso, quem pode saber?

O pobre homem tentava acompanhar as idéias da professora, que tinha se animado. Aquela liberdade de espírito talvez fosse muito mais “perigosa” do que qualquer documento comunista. Ali estava a indomável alma brasileira.

Entender aquele velho seria um desafio para qualquer um. Classificá-lo, impossível, especialmente para aqueles que foram educados a dividir as pessoas entre: esquerda e direita; vencedores e vencidos; trabalhadores e boêmios; “do bem e do mal” (e não há gente aplicando essa última “classificação” até mesmo a crianças!?) e outras tantas. Talvez isso aconteça com toda grande individualidade. Fazia parte do ensinamento nas casernas dividir as pessoas entre patriotas e antipatriotas. Assim, tudo se tornava muito mais fácil.

- Mas o senhor pode ficar tranqüilo. Ele saiu aposentado. Eu tenho muita pena disso, mas acho que já estava mesmo na hora. E seu filho, como foi de férias? - disse ela como a comunicar que o assunto estava encerrado e que qualquer insistência seria uma inconveniência. E o pobre tio nem mais a corrigiu..! Não sabia mais sequer onde era a saída. Desacostumado àquela simplicidade de tratamento e totalmente desconcertado, o homem balbuciou algumas palavras e, como que se desculpando, saiu batendo muito menos os pés no chão do que quando havia entrado.

À noite, com as duas famílias reunidas, o oficial contou, com os típicos maneirismos, o quanto havia assustado a todo mundo na escola; como a diretora havia tremido ao vê-lo entrar; como lhe tinham prometido que o professor seria punido e afastado das salas de aula e assim por diante. No curso do dia, ele conseguira reconstituir a “bolha de auto-estima”---um certo conjunto de valores---sem a qual alguns sentem, muito profundamente, que não mais poderão sobreviver.